



## Introdução à Literatura

### L0001 - (Enem) **Caso pluvioso**

A chuva me irritava. Até que um dia descobri que maria é que chovia.

A chuva era maria. E cada pingo de maria ensopava o meu domingo.

E meus ossos molhando, me deixava como terra que a chuva lava e lava.

E eu era todo barro, sem verdura... maria, chuvosíssima criatura!

Ela chovia em mim, em cada gesto, pensamento, desejo, sono, e o resto.

Era chuva fininha e chuva grossa, Matinal e noturna, ativa... Nossa!

ANDRADE, C. D. *Viola de bolso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952 (fragmento).

Considerando-se a exploração das palavras “maria” e “chuvosíssima” no poema, conclui-se que tal recurso expressivo é um(a)

- a) registro social típico de variedades regionais.
- b) variante particular presente na oralidade.
- c) inovação lexical singularizante da linguagem literária.
- d) marca de informalidade característica do texto literário.
- e) traço linguístico exclusivo da linguagem poética.

**L0002** - (Enem) A orquestra atacou o tema que tantas vezes ouvi na vitrola de Matilde. Le maxixe!, exclamou o francês [...] e nos pediu que dançássemos para ele ver. Mas eu só sabia dançar a valsa, e respondi que ele me honraria tirando minha mulher. No meio do salão os dois se abraçaram e assim permaneceram, a se encarar. Súbito ele a girou em meia-volta, depois recuou o pé esquerdo, enquanto com o direito Matilde dava um longo passo adiante, e os dois estacaram mais um tempo, ela arqueada sobre o corpo dele. Era uma

coreografia precisa, e me admirou que minha mulher conhecesse aqueles passos. O casal se entendia à perfeição, mas logo distingui o que nele foi ensinado do que era nela natural. O francês, muito alto, era um boneco de varas, jogando com uma boneca de pano. Talvez pelo contraste, ela brilhava entre dezenas de dançarinos, e notei que todo o cabaré se extasiava com a sua exibição. Todavia, olhando bem, eram pessoas vestidas, ornadas, pintadas com deselegância, e foi me parecendo que também em Matilde, em seus movimentos de ombros e quadris, havia excesso. A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado. Depois de meia hora eles voltaram se abanando, e escorria suor pelo colo de Matilde decote abaixo. Bravô, eu gritei, bravô, e ainda os estimulei a dançar o próximo tango, mas Dubosc disse que já era tarde, e que eu tinha um ar fatigado.

CHICO BUARQUE. *Leite derramado*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

Os recursos expressivos de um texto literário fornecem pistas aos leitores sobre a percepção dos personagens em relação aos eventos da narrativa. No fragmento, constitui um aspecto relevante para a compreensão das intenções do narrador a

- a) inveja disfarçada em relação ao estrangeiro, sugerida pela descrição de seu talento como dançarino.
- b) demonstração de ciúmes, expressa pela desqualificação dos participantes da cena narrada.
- c) postura aristocrática, assinalada pela crítica à orquestra e ao gênero musical executado.
- d) manifestação de desprezo pela dança, indicada pela crítica ao exibicionismo da mulher.
- e) atitude interesseira, pressuposta no elogio final e no estímulo à continuação da dança.

## L0003 - (Enem)



ROSA, R. *Grande sertão: veredas*: adaptação da obra de João Guimarães Rosa. São Paulo: Globo, 2014 (adaptado).

A imagem integra uma adaptação em quadrinhos da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Na representação gráfica, a inter-relação de diferentes linguagens caracteriza-se por

- romper com a linearidade das ações da narrativa literária.
- ilustrar de modo fidedigno passagens representativas da história.
- articular a tensão do romance à desproporcionalidade das formas.
- potencializar a dramaticidade do episódio com recursos das artes visuais.
- desconstruir a diagramação do texto literário pelo desequilíbrio da composição.

## L0004 - (Enem) Esaú e Jacó

Ora, aí está justamente a epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as ideias que deixarem, mas ainda um

par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos.

Se aceitas a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

ASSIS, M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964 (fragmento).

O fragmento do romance *Esaú e Jacó* mostra como o narrador concebe a leitura de um texto literário. Com base nesse trecho, tal leitura deve levar em conta

- o leitor como peça fundamental na construção dos sentidos.
- a luneta como objeto que permite ler melhor.
- o autor como único criador de significados.
- o caráter de entretenimento da literatura.
- a solidariedade de outros autores.

## L0005 - (Upe) Retrato do artista quando coisa

A maior riqueza  
do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto  
sou abastado.

Palavras que me aceitam  
como sou

— eu não aceito.

<sup>1</sup>Não aguento ser apenas

<sup>2</sup>um sujeito que abre

<sup>3</sup>portas, que puxa

<sup>4</sup>válvulas, que olha o

<sup>5</sup>relógio, que compra pão

<sup>6</sup>às 6 da tarde, que vai

<sup>7</sup>lá fora, que aponta lápis,

<sup>8</sup>que vê a uva etc. etc.

Perdoai. Mas eu  
preciso ser Outros.

Eu penso  
renovar o homem  
usando borboletas.

Barros, Manoel. *Manoel de Barros: Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2013.

Considerando o poema em análise “Retrato do artista quando coisa” e também o assunto referente ao estudo do texto literário, assinale a alternativa CORRETA.

a) O texto de Manoel de Barros, escrito em versos, possui características que podem categorizá-lo como um texto literário, pois a linguagem está construída de modo referencial e de única significação. Uma leitura, ainda que superficial, irá concluir que a expressão “usando borboletas” é utilizada para asseverar a condição do eu lírico de exímio pesquisador dos estudos animais.

b) O eu lírico afirma que é “abastado”. No texto, tal afirmativa conduz o leitor à seguinte conclusão: os homens que são incompletos são abastados, pois possuem certamente riquezas econômico-financeiras que os tornam pessoas-modelo para jovens aspirantes ao mesmo *status quo*. Para o eu lírico, a incompletude do homem é certeza de qualidade econômica.

c) Os versos “Eu penso / renovar o homem / usando borboletas” foram escritos de modo figurado, ou seja, as palavras podem assumir sentidos plurais. Defini-los de forma exclusivamente dicionarizada poderá levar o leitor a equívocos interpretativos, visto que tais versos foram concebidos num nível discursivo que lhes permite transcender as barreiras unissignificativas da palavra dicionarizada.

d) O eu lírico, quando afirma “Eu não aceito”, explicita para o leitor sua indignação com o modelo econômico que rege o sistema capitalista. Para o eu lírico, a incompletude que o torna abastado pode levá-lo a melhorias sociais e existenciais. Esse ponto de vista é defendido pelo eu lírico de modo claro e preciso no poema.

e) Os versos apontados pelas referências 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 do poema em análise poderiam ser substituídos, de modo preciso, pela seguinte frase: Sou um homem que evita utilizar, com frequência, a capacidade imaginativa, pois acredita que a criatividade pode atrapalhar a criticidade e que ambas se opõem no momento em que vamos definir tarefas como acordar às 6 da tarde e apontar lápis.

#### L0006 - (Uece) O amigo da casa

A própria menina se prende muito a <sup>1</sup>ele, que ainda lhe trouxe a última boneca, embora agora ela se ponha mocinha: encolhe-se na poltrona da sala sob a luz do abajur e lê a revista de quadrinhos. <sup>2</sup>Ele é alemão como o dono da casa. Tem apartamento no hotel da praia e joga tênis no clube, saltando com energia para dentro do campo, a raquete na mão. Assiste às partidas girando no copo de uísque os cubos de gelo. É o amigo da casa. Depois do jantar, passeia com a mãe da menina pelo caminho de pedra do jardim: as duas cabeças – a loira e a preta de cabelos aparados – vão e vêm, a dele já com entradas da calva. <sup>3</sup>Ele chupa o cachimbo de fumo cheiroso, que o moço de bordo vai deixar no escritório.

O dono da casa é Seu Feldmann. <sup>4</sup>Dirige o seu pequeno automóvel e é muito delicado. Cumprimenta sempre todos os vizinhos, até mesmo os mais canalhas como Seu Deca, fiscal da Alfândega.

Seu Feldmann cumprimenta. Bate com a cabeça. Compra marcos a bordo e no banco para a <sup>5</sup>sua viagem regular à Alemanha. Viaja em companhia do comandante do cargueiro, em camarote especial. Então respira o ar marítimo no alto do convés, os braços muito brancos e descarnados, na camisa leve de mangas curtas.

A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, <sup>6</sup>o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia <sup>7</sup>do <sup>8</sup>outro, que é o amigo da casa, e da menina.

<sup>9</sup>Saem os dois à noite e <sup>10</sup>ele para o seu próprio automóvel sob os coqueiros na praia. <sup>11</sup>Decerto brigaram mais uma vez, porque ela volta para casa de olhos vermelhos, enrolando <sup>12</sup>nos dedos o lençinho bordado. Recolhe-se a seu quarto (ela e seu Feldmann dormem em quartos separados). Trila o apito do guarda. <sup>13</sup>Os faróis do automóvel na rua pincelam de luz as paredes, tiram reflexo do espelho. <sup>14</sup>Ela permanece insone: o vidro de sua janela é um retângulo de luz na noite.

(Moreira Campos. In *Obra Completa* – contos II. 1969. p. 120-122. Originalmente publicado na obra *O puxador de terço*. Texto adaptado.)

Para a maioria dos estudiosos da literatura, o texto literário é estruturado em pares de oposição: vida/morte; amor/ódio, etc. Essas oposições constam no texto claramente ou implicitamente. E não é necessário que os dois termos da oposição estejam na superfície linguística do texto. Se o texto fala somente de morte, a vida está, por oposição, implícita nele.

Abaixo você encontrará duas colunas. Na coluna I, haverá um termo que formará, com um termo presente na coluna II, uma oposição. Essas oposições constam no texto claramente ou implicitamente. Nessa perspectiva, numere a coluna II de acordo com a I.

Coluna I	Coluna II
1. indulgência	( ) deslealdade
2. vigor	( ) arrogância
3. essência	( ) intolerância
4. modéstia	( ) futilidade
5. afabilidade	( ) aparência
6. seriedade	( ) rigidez
7. confiabilidade	( ) debilidade

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- a) 1 – 4 – 7 – 2 – 3 – 5 – 6.
- b) 2 – 7 – 4 – 5 – 6 – 1 – 3.
- c) 4 – 2 – 5 – 1 – 3 – 6 – 7.
- d) 7 – 4 – 1 – 6 – 3 – 5 – 2.

#### L0007 - (Udesc) Cavador do Infinito

Com a lâmpada do Sonho desce aflito  
E sobe aos mundos mais imponderáveis,  
Vai abafando as queixas implacáveis,  
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo escrito  
Sente, em redor, nos astros inefáveis.  
Cava nas fundas eras insondáveis  
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava  
Mais o Infinito se transforma em lava  
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho  
E com seu vulto pálido e tristonho  
Cava os abismos das eternas ânsias!

SOUZA, Cruz e. *Últimos Sonetos*. www.dominiopublico.gov.br.

Analise as proposições em relação ao soneto “Cavador do Infinito”, Cruz e Souza.

I. A leitura do poema leva o leitor a inferir que o cavador do infinito é a representação da imagem do próprio poeta, ou seja, um autorretrato do poeta simbolista.

II. Da leitura do poema infere-se que a metáfora está centrada na lâmpada do sonho, a qual se refere à imaginação onírica do poeta e ilumina o seu inconsciente.

III. O sinal de pontuação – reticências – no verso 11, acentua o clima de indefinível, levando o leitor a inferir sobre a situação – o drama vivido pelo eu lírico.

IV. No plano formal, o uso de letra maiúscula em substantivos comuns é uma característica do Simbolismo, como ocorre em: “Sonho” (versos 1 e 12), “Ânsias” e “Desejos” (verso 5); “Infinito” (versos 8 e 9). Usada como alegoria, a letra maiúscula tenciona dar um sentido de transcendência, de valor absoluto.

V. Da leitura do poema e do contexto literário simbolista, infere-se que o título do poema “Cavador do Infinito” reforça a ideia a que o soneto remete: o poeta simbolista busca a transcendência, a transfiguração da realidade cotidiana para uma dimensão metafísica, que é uma característica da estética simbolista.

Assinale a alternativa **correta**.

- a) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

#### L0008 - (Enem)

O bonde abre a viagem,  
No banco ninguém,  
Estou só, stou sem.  
Depois sobe um homem,  
No banco sentou,  
Companheiro vou.  
O bonde está cheio.  
De novo porém  
Não sou mais ninguém.

ANDRADE, M. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Em um texto literário, é comum que os recursos poéticos e linguísticos participem do significado do texto, isto é, forma e conteúdo se relacionam significativamente. Com relação ao poema de Mário de Andrade, a correlação entre um recurso formal e um aspecto da significação do texto é

- a) a sucessão de orações coordenadas, que remete à sucessão de cenas e emoções sentidas pelo eu lírico ao longo da viagem.
- b) a elisão dos verbos, recurso estilístico constante no poema, que acentua o ritmo acelerado da modernidade.
- c) o emprego de versos curtos e irregulares em sua métrica, que reproduzem uma viagem de bonde, com suas paradas e retomadas de movimento.
- d) a sonoridade do poema, carregada de sons nasais, que representa a tristeza do eu lírico ao longo de toda a viagem.
- e) a ausência de rima nos versos, recurso muito utilizado pelos modernistas, que aproxima a linguagem do poema da linguagem cotidiana.

L0009 - (Enem) Foi sempre um gaúcho quebralhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas. Se numa mesa de primeira ganhava uma ponchada de balastracas, reunia a gurizada da casa, fazia pi! pi! pi! como pra galinhas e semeava as moedas, rindo-se do formigueiro que a miuçada formava, catando as pratas no terreiro. Gostava de sentar um laço num cachorro, mas desses laços de apanhar da palheta à virilha, e puxado a valer, tanto que o bicho que o tomava, de tanto sentir dor, e lombeando-se, depois de disparar um pouco é que gritava, num caim! caim! caim! de desespero.

LOPES NETO, J. S. *Contrabandista*. In: SALES, H. (org). *Antologia de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001 (adaptado).

A língua falada no Brasil apresenta vasta diversidade, que se manifesta de acordo com o lugar, a faixa etária, a classe social, entre outros elementos. No fragmento do texto literário, a variação linguística destaca-se

- por inovar na organização das estruturas sintáticas.
- pelo uso de vocabulário marcadamente regionalista.
- por distinguir, no diálogo, a origem social dos falantes.
- por adotar uma grafia típica do padrão culto, na escrita.
- pelo entrelaçamento de falas de crianças e adultos.

#### L0010 - (Enem) Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.  
Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro  
Do que um pássaro sem voos.  
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
por isso se declara e declama um poema:  
Para guardá-lo:  
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
Guarde o que quer que guarda um poema:  
Por isso o lance do poema:  
Por guardar-se o que se quer guardar.

MACHADO, G. In: MORICONI, I. (org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

A memória é um importante recurso do patrimônio cultural de uma nação. Ela está presente nas lembranças do passado e no acervo cultural de um povo. Ao tratar o fazer poético como uma das maneiras de se *guardar o que se quer*, o texto

- ressalta a importância dos estudos históricos para a construção da memória social de um povo.
- valoriza as lembranças individuais em detrimento das narrativas populares ou coletivas.
- reforça a capacidade da literatura em promover a subjetividade e os valores humanos.
- destaca a importância de reservar o texto literário àqueles que possuem maior repertório cultural.
- revela a superioridade da escrita poética como forma ideal de preservação da memória cultural.

L0011 - (Uern) Os gêneros literários são empregados com finalidade estética. Leia os textos a seguir.

Busque Amor novas artes, novo engenho,  
Para matar-me, e novas esquivanças;  
Que não pode tirar-me as esperanças,  
Que mal me tirará o que eu não tenho.

(Camões, L. V. de. *Sonetos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1961. Fragmento.)

Porém já cinco sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca doutrem navegados,  
Prosperamente os ventos assoprando,  
Quando uma noite, estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Uma nuvem, que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças aparece.

(Camões, L. V. *Os Lusíadas*. Abril Cultural, 1979. São Paulo. Fragmento.)

Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, a classificação dos textos.

- Épico e lírico.
- Lírico e épico.
- Lírico e dramático.
- Dramático e épico.

L0012 - (Cftmg) Sobre os gêneros literários, afirma-se:

- O gênero dramático abrange textos que tematizam o sofrimento e a aflição da condição humana.
- Textos pertencentes ao gênero lírico privilegiam a expressão subjetiva de estados interiores.
- O gênero épico compreende textos sobre acontecimentos grandiosos protagonizados por heróis.
- Em literatura, o romance e a novela são formas narrativas pertencentes ao gênero dramático.

Estão corretas apenas as afirmativas

- I e II.
- I e IV.
- II e III.
- III e IV.

L0013 - (Uem) (Adaptada) Assinale o que for **correto** sobre o gênero lírico.

- O gênero lírico, em comparação com o gênero épico ou narrativo, mostra-se marcado por um filtro subjetivo que favorece a expressão individual, bem como a intensificação de sentimentos e emoções.
- Embora marcado por grande liberdade temática, o gênero lírico é bastante rigoroso no tocante às formas fixas, de modo que se manifesta apenas em sonetos, odes, elegias, contos e novelas.

III. Em contraste com a presença de um narrador no gênero épico, na lírica nota-se a presença de um eu lírico, que tanto permite a expressão de um mundo interior quanto serve de filtro para a realidade externa.

IV. Uma das principais subdivisões do gênero lírico encontra-se no par “comédia” e “tragédia” que, presente desde as primeiras manifestações do gênero, deu origem, já no fim do século XVIII, à “tragicomédia”, com a utilização de versos livres e brancos.

V. Recursos formais como a rima, a métrica e o ritmo, embora possam ser verificados em outros gêneros literários, encontram-se especialmente ligados ao gênero lírico, favorecendo sua sonoridade e sua expressividade.

Estão corretas apenas as afirmativas

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) I, III e V.

**L0014** - (Ufpa) Gonçalves Dias foi considerado um dos maiores expoentes da literatura romântica brasileira. Procurando seguir os preceitos do romantismo, intencionou produzir uma poesia capaz de exprimir a independência literária do Brasil. Na condição de poeta, dedicou-se a vários gêneros literários, entre eles à poesia lírica e à poesia indianista. Leia atentamente as estrofes 4, 5, 6 e 7 do canto IV do poema I Juca Pirama, de Gonçalves Dias:

Andei longes terras, Lidei cruas guerras, Vaguei pelas serras Dos vis Aimorés; Vi lutas de bravos, Vi fortes – escravos! De estranhos ignavos Calcados aos pés.	Aos golpes do imigo Meu último amigo, Sem lar, sem abrigo, Caiu junto a mi! Com plácido rosto, Serenos e composto, O acerbo desgosto Comigo sofri.
--	---

E os campos talados,  
E os arcos quebrados,  
E os piagas coitados  
Já sem maracás;  
E os meigos cantores,  
Servindo a senhores,  
Que vinham traidores,  
Com mostras de paz.

Meu pai a meu lado  
Já cego e quebrado,  
De penas ralado,  
Firmava-se em mi:  
Nós ambos,  
mesquinhos,  
Por ínvios caminhos,  
Cobertos d’espinhos  
Chegamos aqui!

Glossário:

*Aimorés*: índios botocudos que habitavam o estado da Bahia e do Espírito Santo;

*Timbiras*: Tapuias que habitavam o interior do Maranhão;

*Ignavos*: fracos, covardes;

*Piaga*: pajé, chefe espiritual;

*Maracá*: chocalho indígena utilizado em festas religiosas e cerimônias guerreiras;

*Talados*: devastados;

*Acerbo*: terrível, cruel;

*Ínvios*: intransitáveis.

Tendo em vista as estrofes acima transcritas, é correto afirmar que

- a) o índio Tupi descreve as vitórias de sua tribo sobre o colonizador europeu.
- b) o ritual antropofágico é representado como uma manifestação da barbárie indígena.
- c) a submissão das nações indígenas pelo homem branco é considerada um processo natural e desejável para o progresso da nova nação independente.
- d) o ponto de vista a partir do qual se elabora o poema é o do europeu português, que condena as práticas bárbaras e violentas das nações indígenas brasileiras.
- e) as práticas colonizadoras portuguesas que levaram ao quase extermínio da nação Tupi são julgadas do ponto de vista do próprio índio.

notas